

Xamanismos guarani contemporâneos no Encontro de Saberes da UFMG

Isabel Santana de Rose⁴

Resumo: Neste trabalho, proponho fazer uma primeira abordagem do material de um dos módulos da disciplina de “Artes e ofícios dos saberes tradicionais: curas e cuidados”, vinculada ao Programa de Formação Transversal em Saberes Tradicionais da UFMG. Este módulo foi realizado em maio de 2015 e ministrado por Alcindo Wherá Tupã e Geraldo Karaí Okenda, lideranças espirituais guarani do litoral sul de Santa Catarina. Com base na análise do material das aulas, chamo atenção para especialmente para a criatividade presente em suas falas, ao levantar aspectos centrais da cosmologia guarani e ao mesmo tempo procurar traduzi-los para o público não-indígena que participou da disciplina. Também proponho relacionar este material com as minhas pesquisas anteriores realizadas na aldeia *Yynn Morothi Wherá* (Biguaçu, SC) a respeito da participação desta comunidade indígena em uma rede xamânica contemporânea denominada Aliança das Medicinas. Trata-se de um movimento que vem sendo protagonizado especialmente pelos integrantes da família extensa de Alcindo Wherá Tupã e Rosa Poty Djá e que se encontra ligado a um projeto amplo de fortalecimento do xamanismo e de manutenção do *nhandereko* ou “modo de ser” guarani.

Palavras chave: conhecimento guarani; Encontro de Saberes; xamanismo.

Introdução

Neste trabalho, proponho fazer uma primeira abordagem do material de um dos módulos da disciplina de “Artes e ofícios dos saberes tradicionais: curas e cuidados”, vinculada ao Programa de Formação Transversal em Saberes Tradicionais da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Este módulo foi realizado em maio de 2015 e ministrado por Alcindo Wherá Tupã e Geraldo Karaí Okenda, lideranças espirituais guarani do litoral sul de Santa Catarina. Também proponho

4 Pós-doutoranda no PPGCOM/UFMG. Desde 2015 atua junto ao Programa de Formação Transversal em Saberes Tradicionais da UFMG. Este trabalho contou com o apoio do CNPq (via bolsa PDJ) e da CAPES (via bolsa PNPd).



VI Reunião de Antropologia da Ciência e da Tecnologia

Instituto de Estudos Brasileiros, USP - 16 a 19 de maio de 2017

relacionar este material com as minhas pesquisas anteriores realizadas na aldeia *Yynn Morothi Wherá* (Biguaçu, SC) a respeito da participação desta comunidade indígena em uma rede xamânica contemporânea denominada Aliança das Medicinas. Trata-se de um movimento que vem sendo protagonizado especialmente pelos integrantes da família extensa de Alcindo Wherá Tupã e Rosa Poty Djá e que se encontra ligado a um projeto amplo de fortalecimento do xamanismo e de manutenção do *nhandereko* ou “modo de ser” guarani (ver, entre outros, Rose 2010).⁵

Este texto consiste em uma versão resumida de um trabalho que encontra-se dividido em três partes. Na introdução apresento um breve histórico do Encontro de Saberes no Brasil, e sua relação com o Programa de Formação Transversal em Saberes Tradicionais da UFMG. Na primeira seção trago alguns dados sobre os Guarani no sul do Brasil e descrevo brevemente a trajetória de Alcindo Wherá Tupã e sua esposa Rosa Poty Djá, apontando para o papel desse casal e de sua família em um amplo processo de fortalecimento e revitalização cultural que vêm ocorrendo entre os Guarani no sul do Brasil, e que envolve reivindicações políticas e iniciativas em áreas como educação, saúde e xamanismo. Situo dentro desse contexto mais amplo a participação dessa família extensa indígena na formação da rede da Aliança das. A seguir, na segunda parte do texto, enfoco a análise do material das aulas de Alcindo e Geraldo na disciplina “Artes e ofícios dos saberes tradicionais: curas e cuidados”. Em uma primeira aproximação deste material destaco, entre outros aspectos, a criatividade presente nas falas de seu Alcindo e Geraldo nas aulas na UFMG, ao levantar aspectos centrais da cosmologia e do sistema xamânico guarani e procurar traduzi-los para o público não-indígena que participou da disciplina.

* * *

O Programa de Formação Transversal em Saberes Tradicionais foi formalmente instituído na UFMG a partir de 2015, e encontra-se em diálogo e se inspira na proposta do Encontro de Saberes do Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia (INCTI) de Inclusão no Ensino Superior e na Pesquisa da Universidade de Brasília (UnB), que teve início em 2010. O projeto do Encontro de

5 As referências ao *nhandereko* são recorrentes nas análises recentes sobre os Guarani. Este termo costuma ser traduzido como ‘sistema’, ‘ethos’, ‘estilo de vida’, ‘modo de ser’ ou ‘cultura’ guarani (Darella 2004; Ladeira 2007; Mello 2006; Pissolato 2007; Macedo 2010, entre outros).



VI Reunião de Antropologia da Ciência e da Tecnologia

Instituto de Estudos Brasileiros, USP - 16 a 19 de maio de 2017

Saberes constitui um desdobramento da luta por uma política de inclusão e de ações afirmativas, principalmente para negros e indígenas, nas universidades brasileiras. Para José Jorge de Carvalho, um dos principais idealizadores desta proposta, a luta pela inclusão dos negros e indígenas nas universidades passa também pela inclusão dos saberes negros e indígenas, possibilitando abranger uma “multiepistemia” (Carvalho 2010). Deste modo, a inclusão do conhecimento dos mestres e mestras de comunidades e culturas tradicionais nas universidades é importante, entre outros aspectos, porque possibilita romper com a monoepistemologia e o eurocentrismo que em geral caracterizam os meios acadêmicos no Brasil.

A partir de 2014 a proposta do Encontro de Saberes começou a se expandir para outras universidades brasileiras, incluindo a UFMG, onde ele foi oficializado em 2015 através da Pró-Reitoria de Graduação (PROGRAD), tornando-se o Programa de Formação Transversal em Saberes Tradicionais. Desde então, este programa conta com uma oferta semestral regular de disciplinas, que são abertas para alunos e alunas de todos os cursos de graduação da UFMG. Cabe ressaltar que este projeto já contou com a participação de cerca de trinta mestres e mestras, das mais diferentes culturas, origens e regiões, do norte ao sul do país.

1. Os Guarani no sul do Brasil e Trajetória de Alcindo Wherá Tupã e Rosa Poty Djá

Os Guarani mbyá e chiripá que vivem no sul e sudeste do país, do Rio Grande do Sul até o Espírito Santo, totalizam cerca de 10 mil indígenas.⁶ Eles formam uma rede de aldeias que são, ao mesmo tempo, cercadas pela crescente ocupação não-indígena, e conectadas entre si por laços de parentesco, trocas e práticas xamânicas. Mais recentemente, esses laços envolvem também articulações políticas relacionadas a demandas por território e por políticas públicas (Pimentel et. al 2010; Macedo 2010).

6 Partindo de uma classificação baseada principalmente nas diferenças lingüísticas, Egon Schaden (1974) propôs uma divisão dos Guarani em três sub-grupos: kaiowá, mbyá e nhandeva. Atualmente estas categorias seguem sendo uma referência para a maioria dos autores que escrevem sobre este povo indígena (Mello 2006). Entretanto, muitos etnógrafos contemporâneos questionam esta classificação e apontam para a complexidade da divisão dos sub-grupos guarani (Bartolmé 2008; Assis e Garlet 2004; Mello 2006).



VI Reunião de Antropologia da Ciência e da Tecnologia

Instituto de Estudos Brasileiros, USP - 16 a 19 de maio de 2017

Até a segunda metade do século XX, a presença dos grupos guarani mbyá e chiripá nesta região do país foi pouco visível. Foi principalmente a partir da década de 1970 que aconteceu uma mudança significativa no que diz respeito às estratégias dos Guarani, marcada por uma maior abertura para estabelecer diálogos com os não-indígenas. No estado de Santa Catarina a presença e a visibilidade guarani começaram a aumentar durante a segunda metade do século XX, quando várias famílias extensas indígenas passaram a re-ocupar áreas que fazem parte de seu território tradicional (Darella 2004). Este movimento se refletiu no aumento do número da aldeias e na intensificação da ocupação guarani nesta região (Darella 2004).

Em suma, podemos dizer que as comunidades guarani no sul e sudeste do Brasil emergiram da invisibilidade cultural que em geral os caracterizou até os anos 1990 por meio de uma série de iniciativas criativas que incluíram o aumento da agencia política; e a entrada no mundo dos eventos e produtos culturais, principalmente através da criação de corais de crianças e da gravação de CDs e DVDs com os cantos tradicionais (Macedo 2010 e 2011).

Fazendo parte desse movimento de reocupação dos territórios tradicionais guarani, Alcindo Wherá Tupã Moreira e sua companheira Rosa Poty Djá Mariano Cavalheiro chegaram em Santa Catarina no final dos anos 1980 com seus filhos e familiares, vindo do sul numa migração inspirada por sonhos xamânicos. Eles se fixaram na aldeia *Yynn Morothi Wherá*, ou Mbiguaçu, localizada no município de Mbiguaçu e situada a cerca de 30km de Florianópolis, a capital do estado de Santa Catarina. Esta aldeia foi demarcada em 2003, com 59 hectares, tendo sido a primeira Terra Indígena guarani oficialmente reconhecida neste estado.

Alcindo e Rosa são amplamente conhecidos e respeitados na rede das aldeias guarani do sul e sudeste do Brasil como *karaikuery*; curadores e líderes espirituais dotados de grandes poderes e conhecimento (Mello 2006).⁷ Nascidos nos anos 1920, eles passaram grande parte de sua vida adulta migrando de um lugar para outro nos estados do Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul.

7 Os termos *karaí*, *karaikuery* no plural, ou o feminino *cunhá karaí*, são muitas vezes considerados equivalentes ao termo “xamã”. Como veremos, Geraldo frequentemente se refere aos *karaikuery* como “líderes espirituais”, e tanto ele quanto seu Alcindo também os definem como “médicos tradicionais”. Em suma, os *karaikuery* atuam como protetores dos seus parentes e dos humanos em geral, trabalho que é realizado através da comunicação com os diferentes mundos e seres que constituem o cosmos, sendo que esta comunicação ocorre em momentos como os sonhos, as visões e os rituais (Mello 2006).



VI Reunião de Antropologia da Ciência e da Tecnologia

Instituto de Estudos Brasileiros, USP - 16 a 19 de maio de 2017

Em 1987 eles se estabeleceram em Mbiguaçu com o sonho de voltar a viver de acordo com o “modo de vida guarani”, ou *nhandereko* (Oliveira 2011).

As características pessoais desse casal de anciões enquanto lideranças espirituais e sua vida de migrações em busca do modo de vida guarani, que os levou a se estabelecerem por um longo período em Mbiguaçu, diferencia a eles e sua família extensa da maioria dos Guarani. Sua preocupação com a revitalização cultural se expressa, entre outros aspectos, por meio de uma série de iniciativas criativas empreendidas em áreas como saúde, educação e xamanismo. Três dos filhos de Alcindo e Rosa são professores bilíngües e se dedicam à alfabetização das crianças Guarani. Geraldo Karaí Okenda, o segundo filho homem do casal, foi o primeiro professor bilíngüe em Mbiguaçu quando a escola foi implementada na aldeia, em 1998. Recentemente ele se formou no curso de Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica da Universidade Federal de Santa Catarina, graduação especialmente criada para os povos indígenas deste estado. Geraldo é o principal assistente de Alcindo nos rituais realizados na casa de reza. Ele também é um dos principais mediadores nos contatos e negociações com os não-indígenas e é um especialista na tradução de idéias e conceitos guarani para um público não-indígena (Rose 2010). Como veremos adiante, estas experiências prévias tiveram implicações interessantes em sua participação no Encontro de Saberes da UFMG.

A reocupação da aldeia de Mbiguaçu pela família de Alcindo e Rosa coincide com o início de um processo que os próprios moradores de aldeia definem como sendo de “valorização da tradição”, e que começou a se intensificar a partir dos anos 1990 (Rose 2010). Algumas iniciativas importantes neste processo incluíram a criação do coral *Yvychi Ovy* (nuvens azuis) em 1996; a construção de uma casa de reza nova na aldeia em 1998; e a edificação da primeira escola bilíngüe neste mesmo ano. Este processo também esteve relacionado à retomada da realização freqüente dos rituais noturnos de reza, canto e dança na casa de reza.

Esse movimento de valorização da cultura protagonizado pelos integrantes da família extensa de Alcindo e Rosa aqui faz parte de um processo mais amplo de revitalização cultural que vem sendo protagonizado pelos Guarani do sul e sudeste do Brasil por meio da educação bilíngüe, da promoção de performances culturais, e de projetos de auto-sustentabilidade e resgate de conhecimento (Macedo 2010). No caso específico da família extensa de Alcindo e Rosa, o interesse



VI Reunião de Antropologia da Ciência e da Tecnologia

Instituto de Estudos Brasileiros, USP - 16 a 19 de maio de 2017

dos integrantes do Santo Daime⁸ e do Fogo Sagrado⁹ nos povos e conhecimentos indígenas em geral, e nos Guarani em particular, também fez parte deste processo. As relações entre esta família extensa indígena e estes grupos espirituais não-indígenas faz parte da participação desta comunidade guarani na formação da Aliança das Medicinas, rede xamânica contemporânea que emergiu no estado de Santa Catarina a partir do final dos anos 1990 e que têm entre seus eixos centrais o uso da ayahuasca e a articulação em torno de temas como “medicina tradicional” e espiritualidade. Somado a isto, o interesse de integrantes do Santo Daime e do Caminho Vermelho nos Guarani é motivado por imagens comuns nesses grupos, e no amplo e diverso movimento designado com Nova Era em geral, como as do “indígena espiritual” ou “ecológico”, da “sabedoria primordial”, do “resgate do passado” e da “medicina indígena” (Rose e Langdon 2013).¹⁰

Como veremos na próxima seção, essas imagens aparecem nas falas de seu Alcindo e de Geraldo realizados no âmbito das aulas ministradas por eles na UFMG. Considero que a forma como eles agenciam essas imagens dentro deste contexto constituem um exemplo de como as lideranças indígenas muitas vezes fazem uso de representações como essas de forma reversa e criativa, empregando-as de forma a atender às suas próprias reivindicações e interesses. Penso que é possível sugerir que o uso criativo dessas imagens e conceitos encontra-se ligado em parte ao trânsito dessas lideranças indígenas em redes xamânicas contemporâneas, como é o caso da Aliança das Medicinas, mas também em outros espaços de trocas e diálogos entre diferentes sistemas de conhecimento, como o Encontro de Saberes.

8 O Santo Daime, uma das religiões ayahuasqueiras brasileiras, foi criado no Acre entre os anos 1930 e 60 inspirado por experiências visionárias dos seus líderes carismáticos com a ayahuasca. A partir dos anos 1980 se expandiu por todo o Brasil e nos anos 1990 para outras partes do mundo (ver, entre outros, Labate et. al 2004).

9 O Fogo Sagrado de Itzachilatlan foi fundado nos Estados Unidos nos anos 1980 e posteriormente se expandiu para vários países latino-americanos e para a Europa. Seus rituais são inspirados na Igreja Nativa Norte-Americana, uma religião pan-indígena que teve início no século XIX e é conhecida pelo uso ritual do cacto peiote (*Lophophora williamsii*), e em outras práticas dos grupos indígenas norte-americanos, especialmente as dos Lakota (Rose 2010).

10 Para maiores informações sobre a história da formação da Aliança das Medicinas e seus desdobramentos, ver, entre outros, Rose 2010; Rose e Langdon 2010 e 2013; Langdon e Rose 2012 e 2014.

2. Xamanismos guarani contemporâneos no Encontro de Saberes

Nesta seção enfoco a análise do material do módulo da disciplina “Curas e cuidados”, ministrado por Alcindo Wherá Tupã e Geraldo Karáí Okenda na UFMG em maio de 2015 para uma turma de 40 alunos matriculados. Participei como professora parceira deste módulo, que foi composto por quatro aulas, com cerca de quatro horas cada uma. As aulas foram gravadas e filmadas, e foram posteriormente transcritas na íntegra. A estratégia para fazer uma primeira abordagem deste material, apresentada neste texto, foi selecionar alguns temas-chave que aparecem nas falas de seu Alcindo e Geraldo, e procurar agrupar o material de acordo com estes temas. Paralelamente, com base nessas falas e na minha análise preliminar delas, aponto como elas se relacionam com aspectos centrais da cosmologia e do sistema xamânico guarani.

No caso das falas de Alcindo, os principais temas abordados, presentes de maneira recorrente ao longo das aulas, incluíram: a importância de se lembrar de Nhanderu¹¹ e da oração; comentários sobre seu processo de aprendizado xamânico (em muitos casos respondendo a perguntas dos alunos), contando sobre como aprendeu com seu pai, que era “um médico dos guarani”, e envolvendo comparações entre o próprio conhecimento e o conhecimento dos médicos não-indígenas; a importância do *petyngué* (cachimbo guarani) e do tabaco nesse processo de aprendizado,¹² envolvendo uma comparação entre o *petyngué* e a bíblia, e trazendo implícita também uma comparação entre sistemas de conhecimento distintos; a importância do cuidado com a alimentação e suas implicações na saúde, envolvendo também uma comparação entre a alimentação indígena “de antigamente” (“tradicional”) e a alimentação atual, tanto indígena quanto

11 Embora os mbya reconheçam uma variedade de divindades que são invocadas nas rezas e estão associadas a direções distintas no céu, na referência à relação com o divino, é comum falar-se de Nhanderu ou “nosso pai” de modo unificado (Pissolato 2007:58)

12 De acordo com Pissolato (2007), o tabaco constitui o principal “meio de aquisição de conhecimento divino e instrumento de proteção fornecido pelos deuses” (2007: 352), sendo sua fumaça “o veículo por excelência do conhecimento-poder que o xamã pode ‘passar’ para os demais” (idem). O pety ou tabaco é “uma planta de grande importância cosmológica, fundamental na maioria dos rituais xamânicos” (Mello 2006: 231). Fumado no *petyngué*, ele funciona como “um escudo para os humanos” (idem), sendo que sua fumaça é fundamental para produzir o estado de neblina, quando os *karaikuery* conseguem fazer contato com outros planos (Mello 2006: 231-32). Somado a isto, sua fumaça “confere a sabedoria necessária para se tomar as boas decisões e escolher os caminhos certos” (Mello 2006: 233).



VI Reunião de Antropologia da Ciência e da Tecnologia

Instituto de Estudos Brasileiros, USP - 16 a 19 de maio de 2017

não-indígena; uma ênfase em como eram as coisas “antigamente”, ressaltando que nessa época não existiam doenças, médicos ou escola; e um destaque para a importância dos pais, da família, das pessoas mais velhas e de seu conhecimento, em especial para orientar os mais jovens.

Como vimos, Geraldo pode ser considerado como um especialista em traduzir idéias e conceitos indígenas para o público não-indígena (Rose 2010), o que possivelmente se relaciona com sua trajetória como professor e educador bilíngüe, e também como pesquisador indígena. Por fazer parte de outra geração, ele está mais familiarizado com o português e domina melhor os códigos implícitos nas interações com os não-indígenas. Assim, em muitos momentos da disciplina, ele comentou e explicou as falas de seu Alcindo, procurando deixá-las mais claras para os alunos do curso. Somado a isto, temas recorrentes abordados nas suas falas incluíram comentários sobre o próprio processo de aprendizado xamânico e sobre a importância da espiritualidade para os Guarani, relacionados com a questão enfatizada por seu Alcindo a respeito da importância da oração e de sempre lembrar de Nhanderu. Com relação ao processo de aprendizado do conhecimento indígena, reaparece outro tema enfatizado por seu Alcindo, a importância dos mais velhos, que são definidos por Geraldo como “uma biblioteca viva”, tendo um papel fundamental na educação guarani e na transmissão do conhecimento. Este aspecto se relaciona com a importância que ele dá à história e ao conhecimento oral, que são repassados de geração em geração, como forma de preservação e de continuidade do povo e da cultura guarani.

Selecionei abaixo algumas dessas falas, que abordam aspectos importantes do sistema xamânico guarani, incluindo o processo de aquisição do conhecimento xamânico.

Olha, no tempo do paizinho [...] era um médico, viu, um médico dos Guarani. Então quando eu tinha sete anos eu era curioso, viu. Era curioso mesmo. Parece que eu queria aprender, viu [...]. Eu sei que enquanto o paizinho estava vivo, ele dizia “ó filinho, tu quer [aprender] então vamos, vamos”. Aí nós íamos na floresta. Cada madeira, cada medicina que chegava [que a gente encontrava], ele dizia: “essa aqui é uma madeira para aquele problema” [...]. Então [eu] colocava na cabeça [...]. Eu estava estudando. É a mesma coisa, como vocês [...]. Então tudo isso eu coloquei na cabeça [...]. Na minha família só eu que queria saber, “Ah filhinho” [meu pai dizia], “tem que estudar até que chegue lá, viu...”. Graças a Deus ele [indicando o Geraldo] e o Wanderlei [seu outro filho, mais novo] estão aprendendo, viu. Estão repartindo minha sabedoria. Um dia lá em cima eu



VI Reunião de Antropologia da Ciência e da Tecnologia

Instituto de Estudos Brasileiros, USP - 16 a 19 de maio de 2017

vou embora, né... Que todos nós aqui ficamos para semente; um dia a gente vai embora. Mas pelo menos podemos deixar essa lembrança para nossos outros parentes, né... Então eu sei que no final eu aprendi, aprendi do paizinho mesmo. Aprendi tudo, viu. Graças a Deus [...].

(Alcindo Wherá Tupã, trechos editados das falas nas aulas realizadas na UFMG em maio de 2015).

Um dos aspectos centrais abordados na fala transcrita acima é o processo de aquisição do conhecimento entre os guarani, em particular o conhecimento xamânico, ou o conhecimento relacionado com a “espiritualidade”, seguindo a definição de Geraldo. Transcrevo a seguir falas a respeito de outro tema, também relacionado ao xamanismo, que foi recorrente nas aulas: a importância do *petynguá* e do tabaco; e seu papel no processo de aprendizado xamânico e na obtenção de conhecimento. Como vemos, o cachimbo guarani é comparado por Alcindo a uma bíblia, ao mesmo tempo que ele aponta para as diferenças entre os conhecimentos que adquire assim e os conhecimentos presentes na bíblia não-indígena, escrita no papel. Esta fala é seguida por um comentário de Geraldo, que busca explicar as ideias colocadas por Alcindo de uma maneira mais acessível para os alunos não-indígenas da disciplina. Assim, ele atualiza as comparações sugeridas por Alcindo, propondo que o *petynguá* funciona como um “celular indígena”, através do qual é possível se conectar ao Grande Espírito.

Esse aqui, a minha bíblia... Esse aqui é que me dá o ensinamento, de como foram as coisas, como existe a água, de onde as coisas começaram. Minha prova é essa... Então esse aqui é que me deu o ensinamento, de como antigamente se vivia. Naquele tempo não tinha doença mesmo. A hora que eu estou trabalhando coloco tabaco aqui [apontando para o *petynguá*], coloco aqui o tabaco, queimo ele... Ele [*Nhanderu*] está junto conosco aqui, nós não estamos enxergando. Parece que nós estamos sozinhos, mas não, ele que está [nos] levando. Aonde é nosso caminho, [ele] tá indo junto. Nós não estamos enxergando. Então eu coloco o tabaco aqui, eu puxo ele, ele [*Nhanderu*] entra aqui, tá aqui a escadinha dele [apontando para um detalhe no *petynguá*]. Ele entra aqui, eu puxo ele, então eu solto as maldades, as perturbações. Mas eu tenho que acreditar aqui [apontando para o próprio peito]... Ele entra aqui, então eu puxo ele e solto, viu. Solto as maldades, as perturbações... A gente não enxerga, viu. Ele tá junto com a gente. Aonde é seu caminho [ele] tá indo junto, viu... É por isso que a gente deve, quando a gente sair para fazer um servicinho, parar mais ou menos meio minuto e



VI Reunião de Antropologia da Ciência e da Tecnologia

Instituto de Estudos Brasileiros, USP - 16 a 19 de maio de 2017

orar para Ele, pedir... Na hora que a gente tropeça, aí [ele pergunta] “ó filhinho, porque que não se alembrou de mim?” Por que nós não estamos enxergando nosso caminho. As vezes tem uma pedrinha e a gente não enxerga. Então essa é minha sabedoria, graças a Deus. Esse aqui [meu *petyngua*] me avisa, viu, esse aqui me avisa, fala para mim... Me avisa dos problemas que vão acontecer... Mas não é igual a gente de carne e osso [trecho editado], a gente não enxerga não. Então na hora que me avisa: “ó filhinho, tu não vai pra roça, tem um perigo”. Então eu já fico, já não vou... Então esse aqui me avisa. Isso que eu estou contando para vocês parece que é uma novidade, viu [risos]. Então esse aqui que levantou meu ensinamento, graças a Deus... [pega o *mbaraka* e canta em guarani].

(Alcindo Wherá Tupã, trechos editados das falas nas aulas realizadas na UFMG em maio de 2015)

Porque na tradição guarani é muito usado esse cachimbo, cachimbo de barro. Ele [o seu Alcindo] sempre fala, dá um exemplo de bíblia. Esse que a gente chama de *petyngua*, que é o cachimbo, ele traz todas as informações, traz proteção e faz cura também. A gente coloca esse *pety*, tabaco, com um propósito. No momento que a gente vai usar esse cachimbo também usa o tabaco. O tabaco, é uma palavra que a gente está colocando, um propósito dentro desse cachimbo. No momento que é acendido esse tabaco, são puxadas todas as informações, o desejo que tem dentro do seu coração, para que possa levar com essa fumaça até o Grande Espírito. Então é tipo um celular, um celular indígena. É mais rápido e não precisa carregar, né. Então o seu Alcindo usa muito isso, né. E ele está me repassando todo seu conhecimento, sua sabedoria. O processo de espiritualidade. E eu me dediquei com isso. Eu estou aprendendo há mais de 25 anos com ele [...]. Então esse nosso *petyngua*, como a gente chama o cachimbo, ele traz toda a harmonia. Isso depende do propósito que a gente vai colocar. A gente reza com esse cachimbo, faz cura. Principalmente o seu Alcindo faz cura com ele. É o raio-X dele [...]. Ele é o Guarani mais velho da tribo guarani. E ele é conhecido em toda a etnia, principalmente dos Guarani, do Rio de Janeiro até o Rio Grande do Sul. E ele lê muito pensamento, ele gosta de ler os pensamentos dos outros. Ele vê no momento que a pessoa está passando uma dificuldade, ou até mesmo com [um problema] de saúde. Ele pega, só olha, e [sabe], “você tem essa doença”. Então ele é um, a gente chama de extra-terrestre. Porque ele já fala: “você está pensando isso, você está falando isso”. As vezes a gente só pensou, e ele já fala. Então é através desse cachimbo que ele consegue buscar as informações, e repassa para nós também.



VI Reunião de Antropologia da Ciência e da Tecnologia

Instituto de Estudos Brasileiros, USP - 16 a 19 de maio de 2017

(Geraldo Karaí Okenda, trechos editados das falas nas aulas realizadas na UFMG em maio de 2015)

Sugeri anteriormente que a atuação de Geraldo como “tradutor” das falas de seu Alcindo possivelmente se relaciona com sua trajetória como professor e pesquisador indígena. Entretanto, somado a isto, esta capacidade também pode ser pensada em relação ao seu papel como aprendiz xamânico. Nos estudos clássicos sobre xamanismo, o termo “xamã” costuma ser associado à função de tradução e mediação entre os diferentes mundos e planos que compõem os cosmos, e entre os diversos seres que habitam esses mundos (ver, entre outros, Chaumeil 1998; Langdon 1996; Langon 2015). Outros trabalhos da etnologia indígena brasileira sobre este tema apontam que no contexto atual os xamãs atuam muitas vezes como mediadores entre os mundos e discursos indígenas e não-indígenas, e como tradutores do conhecimento indígena nas negociações com o chamado “mundo não indígena” (Albert 2002; Carneiro da Cunha 1998).

Outra discussão muito interessante levantada por Geraldo nas aulas, e possivelmente relacionada com sua própria experiência, tanto como professor e pesquisador indígena quanto como aprendiz xamânico, aparece nas várias comparações que ele propõe entre o conhecimento indígena e a universidade, e os processos de aprendizado envolvidos nos dois casos. Somado a isso, várias vezes ele também afirmou que os Guarani mais jovens frequentemente precisam transitar entre “dois mundos”, indígena e não-indígena, e fazer mediações entre dois sistemas de conhecimento distintos. Além da espiritualidade, outro aspecto, relacionado com este, ressaltado por Geraldo como sendo importante para a sabedoria indígena, é o conhecimento da natureza. A seguir incluo um pequeno trecho de uma narrativa mais longa, na qual Geraldo aborda alguns desses temas. Considero que esta fala evidencia por si mesma a capacidade de Geraldo como “tradutor”, em múltiplos planos, e ao mesmo tempo a criatividade presente nas suas narrativas, que transitam entre diferentes registros de saberes.

Então nesse momento a gente está unido, para que possamos levantar esse conhecimento, dentro de nós mesmos, e ter relação com a natureza, porque a gente faz parte dela. A natureza dá o ensinamento e repassa o ensinamento. Na cultura indígena, a mata é um livro, um livro botânico, e o céu um livro didático, principalmente as constelações. Que a gente vê bastante estrela né, no inverno principalmente. O caminho da anta, que a gente fala muito. Esse é um caminho que todo o conhecimento do Grande Ser, do Grande Criador, deixou para nós, observar o céu. Com ele a gente



VI Reunião de Antropologia da Ciência e da Tecnologia

Instituto de Estudos Brasileiros, USP - 16 a 19 de maio de 2017

aprende a fazer as coisas, e dá o ensinamento. Então é uma relação que nós todos temos, mas as vezes a gente esquece. Esquece porque o mundo de hoje é diferente do que os antigos, então as vezes a gente esquece de nós mesmos, como que a gente tá vivendo, como que a gente tá indo no caminho. Como que a gente sobrevive nesse caminho. Então o conhecimento dos anciões faz parte de todas as relações. Por isso que a gente fala *aguydjevete*,¹³ tem alguns que conhecem *aho mitakuye oyas'in*.¹⁴ Essas palavras [querem dizer] todos por nossas relações. Que a natureza, a gente faz parte dela também. Nós somos todos irmãos. As árvores, a água, os animais. A gente faz parte da família da natureza. E às vezes a gente se esquece mesmo de agradecer a natureza, que é a nossa vida também. No ensinamento dos anciões, no momento que a gente aprende o caminho, a gente aprende a caminhar, ela repassa todas as informações. Na prática que a gente começa a aprender toda a nossa vida. As crianças, no momento que elas nascem elas já vêm com uma missão, já vem com um propósito para isso, continuar esse caminhar. A relação que a gente tem com a natureza é importante. Porque ela dá a vida para nós, e ela pede ajuda para nós também. Então é uma ligação que a gente tem. Por isso que tem que agradecer as árvores, a água, a cachoeira principalmente. Porque no conhecimento indígena a cachoeira e as árvores têm alma, tem um espírito, elas sentem também que falta a gente cuidar delas. É uma relação que a gente tem, [e temos que] repassar esse conhecimento. Principalmente os anciões, os mais velhos, quando entram na mata, eles vêm todos os espíritos. Conhecem as medicinas, conhecem todas as árvores, e eles conversam com as árvores, porque têm espírito. E quando morre, é porque o espírito já foi. Igual nós também: a gente vai crescendo, vai ficando velhinho, a gente morre também. E as árvores também. Elas não vivem muito tempo. Ela cresce, dá fruta, dá semente, e depois morre. O corpo físico. O espírito tá no céu.

13 O termo *aguydjevete* está relacionado ao conceito de *aguydje*, que significa aproximadamente “perfeição”, “completude”, ou ainda “imortalidade do espírito”; “superação da condição humana” (Mello 2006:35), enquanto o sufixo *ete* quer dizer “verdadeiro”. Assim, uma tradução aproximada para *aguydjevete* seria “perfeição verdadeira”. A expressão remete ao tema da instabilidade e provisoriedade da condição humana: para os *mbya*, a humanidade oscila entre dois pólos: a perfeição ou divinação em vida – *aguydje* – a que aspira e a transformação animal possível, ameaça constante e sempre presente (Pissolato 2007).

14 Expressão Lakota comumente usada pelos membros do Fogo Sagrado e outras pessoas que transitam na rede da Aliança das Medicinas, comumente traduzida como “por todas as nossas relações”. Durante minha pesquisa de campo para o doutorado, várias vezes vi moradores da aldeia de Mbiguaçu e pessoas que transitam na rede da aliança das medicinas usando os termos *aguydjevete* e *aho mitakuye oyas'in* de forma intercambiável (Rose 2010).

(Geraldo Karaí Okenda, trechos editados das falas nas aulas realizadas na UFMG em maio de 2015)

Reflexões finais

Neste texto faço apenas uma abordagem inicial do material das aulas ministradas por Alcindo Wherá Tupã e Geraldo Karaí Okenda na disciplina “Curas e cuidados”, que aconteceu na UFMG em 2015, como parte do Programa de Formação Transversal em Saberes Tradicionais. Trata-se de uma primeira e modesta aproximação, buscando estabelecer relações tanto com uma reflexão preliminar sobre o encontro de saberes e sua potencialidade, quanto com o material das minhas pesquisas anteriores realizadas entre os Guarani de Santa Catarina e a discussão sobre redes xamânicas contemporâneas.

Aspectos que chamaram minha atenção nas aulas incluem a criatividade presente nas narrativas de seu Alcindo e Geraldo ao levantar aspectos centrais da cosmologia e do sistema xamânico guarani e ao mesmo tempo procurar traduzi-los para o público não-indígena que participou da disciplina. Como eu indiquei anteriormente, isto possivelmente aponta para uma atualização do papel do xamã no mundo contemporâneo. Assim, além de ser responsável por viajar entre os diferentes mundos que compõem o cosmos e negociar entre os distintos seres (humanos e não-humanos) que habitam esses mundos, os xamãs indígenas de hoje também são responsáveis pelas negociações cosmopolíticas com o “mundo não-indígena”. Essas negociações passam pela tradução de conceitos que fazem parte do pensamento e da cosmovisão indígena. Essas traduções frequentemente são feitas buscando analogias com aspectos da vida atual – por exemplo, a comparação do *petynguá* com um celular.

Somado a isto, cabe destacar também que as falas de seu Alcindo e Geraldo nas aulas ministradas na UFMG apontam para agenciamentos criativos de imagens associadas a um xamanismo indígena genérico que circulam no circuito da nova era, nas redes xamânicas contemporâneas, e também em outros contextos, tais como a do “indígena espiritual” e “ecológico”, do “resgate do passado” e da “medicina tradicional”. Tanto as traduções dos conceitos indígenas quanto os agenciamentos dessas imagens são realizados de modo a chamar atenção para as demandas e reivindicações dos povos indígenas, tanto em termos gerais quanto em contextos particulares, ligados a famílias e a comunidades específicas.



VI Reunião de Antropologia da Ciência e da Tecnologia

Instituto de Estudos Brasileiros, USP - 16 a 19 de maio de 2017

Bibliografia:

ALBERT, Bruce 2002. “O ouro canibal e a queda do céu. Uma crítica xamânica da economia política da natureza (Yanomami)”. En: Albert, Bruce e Alcida Rita Ramos (orgs.) *Pacificando o branco. Cosmologias do contato no Norte-Amazônico*. São Paulo, Editora da UNESP. pp: 239-275.

ASSIS, Valéria de e Ivori J. GARLET 2004. Análise sobre as populações guarani contemporâneas: demografia, espacialidade e questões fundiárias. *Revista de Indias*, LXIV (230): 35-54.

BARTOLOMÉ, Miguel A. 2008. *Oguerojera* (desplegarse). La etnogénesis del pueblo mbya-guaraní. *Ilha*, 10(1): 105-140.

CARNEIRO DA CUNHA, Manuela. 1998. *Pontos de vista sobre a Floresta Amazônica: xamanismo e tradução*. *Mana* 4(1): 7-22.

CARVALHO, José Jorge 2010. Los estudios culturales en America Latina: interculturalidade, acciones afirmativas y encuentro de saberes. *Tabula Rasa*, 12: 229-251.

CHAUMEIL, Jean-Pierre 1998. *Ver, saber, poder. El chamanismo de los Yagua de la Amazonia Peruana*. Peru: IFEA, CAAP, CAEA/CONICET.

DARELLA, Maria Dorothea 2004. Territorialidade e territorialização Guarani no litoral de Santa Catarina. *Tellus*, 4(6.1): 79-110.

LABATE, Beatriz C. y Wladimyr S. Araújo (orgs.) 2004. *O uso ritual da ayahuasca* (2ª ed.). Campinas, Editora Mercado de Letras/FAPESP.

LADEIRA, Maria Inês 2007. *O caminhar sob a luz. Território mbya à beira do oceano*. Editora da UNESP, São Paulo.

LANGDON, Esther Jean (org.) 1996. *Xamanismo no Brasil: novas perspectivas*. Florianópolis, Editora da UFSC.

LANGDON, Esther Jean 2015. *La negociación de lo oculto. Chamanismo, medicina y familia entre los Siona del bajo Putumayo*. Popayán, Editorial Universidad del Cauca.

LANGDON, E. Jean e Isabel S. Rose 2012. Contemporary Guarani shamanisms: “traditional medicine” and discourses of native identity in Brazil. *Health, Culture and Society*, 3: 29-48.



VI Reunião de Antropologia da Ciência e da Tecnologia

Instituto de Estudos Brasileiros, USP - 16 a 19 de maio de 2017

LANGDON, E. Jean e Isabel S. Rose 2014. “Medicine Alliance: contemporary shamanic networks in Brazil”. In: LABATE, Beatriz Caiuby e Clancy Canvar (orgs.), *Ayahuasca shamanism in the Amazon and beyond*. Oxford/New York, Oxford University Press. pp: 81-104.

MACEDO, Valéria 2010. *Nexos da diferença. Cultura e afecção em uma aldeia guarani na Serra do Mar*. Tese de Doutorado em Antropologia Social, PPGAS-FFLCH-USP.

MACEDO, Valéria 2011. *Tracking Guarani songs: between villages, cities and worlds*. *Vibrant* 8(1): 377-411.

MELLO, Flávia Cristina 2006. *Aetchá nhanderukuery karai retarã: Entre deuses e animais. Xamanismo, parentesco e transformação entre os Chiripá e Mbyá Guarani*. Tese de doutorado em Antropologia Social, Universidade Federal de Santa Catarina.

OLIVEIRA, Diogo 2011. *Arandu nhembo'ea: Cosmologia, agricultura e xamanismo entre os Guarani-Chiripá no litoral de Santa Catarina*. Dissertação de Mestrado em Antropologia Social, Universidade Federal de Santa Catarina.

PIMENTEL, S., M. L. R. Bellenzani, D. C. Pierri, F. A. Junior, E. B. Castilla, A. Q. Testa, F. de O. N. da Silva, F. Gorni & G. de A. Amaral 2010. *Relatório circunstanciado de identificação e delimitação da Terra Indígena Tenondé Porã*. CGID/FUNAI.

PISSOLATO, Elizabeth 2007. *A duração da pessoa. Mobilidade, parentesco e xamanismo mbya (Guarani)*. São Paulo, Editora da UNESP.

ROSE, Isabel S. 2010. *Tata endy rekoe – Fogo Sagrado: encontros entre os Guarani, a ayahuasca e o Caminho Vermelho*. Tese de Doutorado em Antropologia Social, Universidade Federal de Santa Catarina.

ROSE, Isabel S. e Esther J. Langdon 2010. Diálogos (neo)xamânicos: encontros entre os Guarani e a ayahuasca. *Tellus*, 10(18): 83-114.

ROSE, Isabel S. e Esther J. Langdon 2013. Chamanismos guarani contemporâneos en Brasil: un estudio de transfiguración cultural. *Revista colombiana de antropologia*, 49: 105-127.

SCHADEN, Egon [1954] 1974. *Aspectos fundamentais da cultura Guarani*. São Paulo, EdUSP.



VI Reunião de Antropologia da Ciência e da Tecnologia
Instituto de Estudos Brasileiros, USP - 16 a 19 de maio de 2017

WHERÁ TUPÃ, Alcindo Moreira e Geraldo Karáí Okenda 2015. Aulas ministradas na disciplina “Artes e ofícios dos saberes tradicionais: curas e cuidados”, no Programa de Formação Transversal em Saberes Tradicionais da UFMG (maio 2015).